

HISTÓRIA, LITERATURA E MITOS EXPROPRIADOS NO CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO AMERÍNDIA

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos(UFGD)

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura de narrativas literárias que têm como base “relatos” oriundos da cultura ameríndia e o consequente conflito com o pensamento pós-colonialista. Procura-se reler o discurso crítico sobre a América Latina em sintonia com o que se produziu na esteira de Ángel Rama, em especial sob a perspectiva da *decolonização* decalcada do pensamento de Walter Mignolo. A seleção do *corpus* assenta-se em narrativas da brasileira Rosana Rios, *América mítica*, e do sanandresano Jimmy Gordon Bull, principalmente em *Legado de piratas*. Aos mitos ameríndios superpõe-se um legado de piratas em sequiosa pilhagem econômica e cultural.

Palavras-chave: Rosana Rios; Jimmy Gordon Bull; América Latina; Caribe; mitos indígenas.

Dos mais representativos relatos acerca de *nuestra america*, *A cidade das letras*, de Ángel Rama (escritor uruguaio e crítico literário, fundador e diretor da Biblioteca Ayacucho), acaba de ser reeditado no Brasil, e sua leitura/desleitura remete ao fato de que Colombo, em 1492, aportou no Caribe. Isto nos leva a retomar hoje, no âmbito da América Latina, de nosso subcontinente, atravessado por rasuras e ranhuras que caracterizaram a colonização, todo o legado cultural que arrasta desde sempre o registro de uma tradição oral, na qual, tanto as narrativas literárias aí produzidas quanto os inúmeros relatos míticos dos vários povos indígenas, reforçam espelhando o processo de apagamento e desleitura das histórias dos povos ameríndios. Bem como, e ao passo que alertam para uma particular abordagem das produções culturais em consonância com o discurso crítico que se produziu na esteira de Ángel Rama, em especial sob a perspectiva da *decolonização*, segundo o pensamento crítico de Walter Mignolo: *Learning to Unlearn – Decolonial Reflections from Eurasia and Americas* (2012). Assim, de Rama a Mignolo, propomos verificar um percurso crítico que, alinhado ao pensamento crítico de Zulma Palermo (2005), por exemplo, visa a demonstrar, por um lado, a compleição de um discurso crítico na América Latina, com uma expressiva produção de teorias e crítica ; e, por outro, evocar por meio de alguns textos literários e/ou culturais um representativo *corpus* no qual nossos escritores e nosso substrato cultural emergem em contraponto e fundamento de um *locus* de enunciação próprio ao subcontinente. Obras como a da brasileira Rosana Rios, *América mítica: histórias fantásticas de povos nativos e pré-colombianos* (2013), e a do escritor caribenho/sanandresano Jimmy Gordon Bull, *Legado de piratas* (2010), *As*



oscuros, pero encendido (2001), *Meridiano 82 La ruta de la langosta* (2010), ilustrarão nossa reflexão.

Entretanto, quero chamar para a nossa leitura, em especial, a obra *América mítica: histórias fantásticas de povos nativos e pré-colombianos* (2013), da brasileira Rosana Rios, particularmente por sua proposta de resgate de narrativas de diversos povos nativos (Algonquin, Apache Jicarilla, Asteca, Quicgé, Inca, Juruna, Tsimshian do Alaska, Yukon, Dakota Sioux, Aymara, Xerente, Mapuche Picunche, Mundukuru, Chibcha, Maia, Iroqueses, Bororo, Kamayurá, Tolteca, Aruak, Navajo, Inuit, Lakota Sioux, Taulipâng, Guarani, Maia Quiché e Cakquichel, Tewa, Ute, Yupik, Caddo, Chippewa, Yokut Tachi, Maia, Sioux White River e Ñandeva-Apapocuva), numa constatação de um legado cultural de centenas de povos pré-colombianos.

Logo, fixar o foco nessa condição histórica (a chegada de Colombo, em 1492, bem como na de outros navegadores), interessa sobremaneira na leitura que realizamos desses textos. Importa sublinhar, na obra de Rosana Rios, sua apresentação em um título introdutório, “As culturas do novo mundo”, ao qual se seguem os outros títulos que acabam dando a configuração e enfeixe da obra *per se*: “Um mundo escuro e coberto pelas águas”; “De onde vieram todas as coisas?”; “Caminhos dos heróis”; “Aqueles que têm poder”; “Artes de enganar”; “Herdeiros da morte”. A proposta da escritora demonstra coerência ao longo de toda a obra, evocando aqui e ali o fio condutor que brota desde o título e pelos entrecos da narrativa como um todo, através de um enunciado que lembra ao leitor tratar-se de um universo de discurso peculiar, fabular, dos quais uma passagem é por si só representativa: “A partir daí, o mito se confunde com a história e com muitas outras lendas.” (RIOS, 2013, p. 139). Atrelado à moldura de uma narrativa que, ao mesmo tempo em que descortina um “mundo novo”, fabular, mítico, finda atando o leitor aos elementos da narração literária e de aspectos vitais da arte da memória, ou da história das ideias, do complexo cultural dos continentes americanos e dos povos ameríndios. O tema fundamental da obra procura recuperar, a partir das inúmeras narrativas míticas, o subtexto da oralidade recolhida de diversos povos de etnias ameríndias. A presença do elemento fantástico e do maravilhoso advêm na consecução do propósito de um narrador que reconta “histórias locais” com o objetivo recorrente de contrapor aos feitos da colonização uma diversa e nuançada narração, que não só corre em paralelo à história do colonizador, mas,



principalmente, age de modo subliminar na recolha de um outro modo de contar a história e em especial dar voz e fazer falar variados agentes dos povos indígenas, em uma modalização da civilização ameríndia. A obra caracteriza-se como sendo texto de um narrador autor que visa a recolher e narrar histórias que se colocaram à margem dos relatos oficiais. Assim, interessa destacar as palavras à guisa de introdução da obra, sob o título “As culturas do novo mundo”:

No dia 3 de agosto de 1492, uma sexta-feira, o navegador genovês Cristóvão Colombo partiu de Palos de la Frontera, na Espanha, com três navios. [...]. Claro que sempre houvera lendas sobre terras míticas naqueles mares: ilhas maravilhosas, utópicas, terras abençoadas onde os males não existiriam e seria sempre verão. Mas as terras avistadas não tinham nada de míticas. (RIOS, 2013, p. 9)

Ilustra, ao expandir a passagem, uma nota de rodapé que informa acrescentando: “Os irlandeses, por exemplo, acreditavam na existência de uma ilha no Atlântico que chamavam de Hy-Brasil. Seria uma terra fantasma que só apareceria a cada sete anos.” (Idem). É curioso observar que, em um dos relatos que compõem a coletânea de histórias, intitulado “Macunaíma”, encontram-se significativas relações culturais entre as façanhas deste herói mítico, “o que trabalha à noite” (p. 173), com suas muitas aventuras, e a conhecida obra do modernismo brasileiro, escrita por Mário de Andrade. Decerto que, desta lenda, provinda da língua dos povos Macuxi, inspirara-se a verve do nosso escritor e bem fundo a caracterização do herói que tipificaria a cultura brasileira:

São muitas as aventuras de Macunaíma. [*O nome Macunaíma, às vezes grafado Makunaima, significa, na língua dos Macuxi, ‘o que trabalha à noite’*]. Às vezes herói, às vezes xamã, às vezes criador de gentes e de coisas, Macunaíma sempre era esperto, alegre, teimoso como ele só, e sabia muito bem se safar das encrencas. [*Várias das aventuras de Macunaíma foram recolhidas entre os povos indígenas pelo pesquisador alemão T. Koch-Grunberg. E relacionadas em seu livro Do Roraima ao Orinoco; depois essas narrativas, e outras, seriam incorporadas por Mário de Andrade em sua obra Macunaíma: o herói sem nenhum caráter, publicado em 1928.*] (RIOS, 2013, p. 173). (Grifos da autora)

Noutro relato, intitulado “O fim do mundo”, narra-se o mito de *Maka Sicha*, a história de uma mulher “tão velha que seu rosto se parece com uma noz enrugada.” (p. 235); vivia numa caverna, sentada, há mais de mil anos, e sua missão era tecer uma



coberta utilizando-se dos espinhos de porco-espinho, que ela os amaciava com os dentes antes de tecer:

Essa forma de tecer mantos é antiga, é a forma usada pelos ancestrais, há muitos séculos. Junto a ela descansa seu cachorro, lambendo as patas, e olhando para a velha mulher. Seu nome é Shunka Sapa, e ele é um enorme cão negro. A alguns passos do ponto em que ela tece seu manto, junto ao fiel cachorro crepita uma fogueira. A mulher acendeu esse fogo há mais de mil anos e o mantém aceso desde então. Sobre o fogo há um grande pote de barro pendurado. Ele também é do tipo antigo, feito da maneira que os povos nativos faziam antes que os invasores trouxessem seus potes de metal. Dentro do pote, ferve uma sopa de frutinhas, o *wojapi*. É uma sopa perfumada, boa e espessa, doce e vermelha. Ela ferve e referve naquele pote por muito, muito tempo, desde que o fogo foi aceso. De tempos em tempos, a estranha mulher se levanta e vai mexer o *wojapi* no pote de barro, para que não queime. Como ela é muito velha e frágil, demora bastante tempo para fazer isso. E, enquanto ela se levanta, dando as costas ao seu trabalho de tecelagem e indo até o fogo, Shunka Sapa, o grande cão negro, aproveita e puxa o fio que prende os espinhos à manta já tecida. (RIOS, 2013, p. 236). (Grifos da autora)

O desfecho, surpreendente, é que a pobre velha acaba sempre tendo sua manta desfeita, condenada portanto a reiniciar a missão por toda a eternidade. O paralelo com a tarefa de Penélope, esposa do herói Ulisses, não pode ser ignorado em nossa história, cultura e literatura ocidentais. Ao revisitarmos a personagem Macunaíma, emblemática para a cultura ameríndia, a Guiana e América do Sul, ela (a)parece embrionária na obra de Mário, que a revela como um mito brasileiro e caracterizando o ícone criador da identidade híbrida brasileira. A própria obra de Mário de Andrade, em especial pela abordagem do mito “Macunaíma”, avulta em aprofundada repercussão histórica, na medida em que viria a ser remodelada em suas ligações de fato, como numa rede de intrigas, de intertextualidades, e sugerindo sua apropriação pela narrativa de *A história do ventríloquo*, da escritora americana Pauline Melville (1999). Logo, assim como o rio Uraricoera, que se localiza no estado de Roraima, unindo-se ao Tacutu e ao Branco, corre para terras guianesas, também correm as águas do mito. Consta que o tradutor de *Macunaíma* para a língua inglesa, E. A. Goodland, tendo mudado para a Guiana em 1958, onde conhece a realidade ameríndia e convive com a família Melville, a qual lhe introduz no mito e na obra de Mário, tornando-o responsável pelo sucesso do mito, bem como pela origem do livro de Melville, uma vez que ao dedicar a tradução da obra à Edwina Melville, professora em Georgetown e parente de Pauline Melville, registrou:



“Esta tradução é dedicada a Edwina Melville que me apresentou a *Macunaíma* ao pé da montanha chamada de ‘A base da árvore da vida’ ”. (Cf. BARZOTTO, 2012, p. 86-87) De resto, o livro de Rosana Rios sintetiza os “Muitos mitos nativos [que] foram registrados por missionários cristãos, que recolheram as histórias dos indígenas apenas para provar o quanto elas estavam ‘erradas’ ”(RIOS, 2013, p. 12)

Também, como seleção de leitura e de confronto com a perspectiva teórico-crítica em análise, tomamos às mãos a obra de Jimmy Gordon Bull, particularmente o título *Legado de piratas* (2010)¹, anunciando desde logo um autor e texto sanandresanos: “San Andrés, Providencia y Santa Catalina están situados estratégicamente en el Caribe Centroamericano rodeado por Panamá, Costa Rica, Honduras, Belice y Guatemala”. No mesmo relato, continua o autor historiador:

Por su posición estratégica jugaron un papel importante e la época más floreciente y dorada de la piratería en las Américas entre 1655 y 1668. Primeramente la piratería en las Américas era de dominio de los españoles y franceses, pero a partir de 1633 la historia cambia totalmente esta película de largometraje. Los ingleses entraron en acción capturando a Jamaica o *Xamaica*, como su primera colonia en las Américas imponiendo como su primero gobernador al inolvidable Thomas Modyford quien ejerció una férrea autoridad sobre los territorios recién conquistados. [...] El pirata Edward Mansfield trabajó incansablemente para a coroa británica, [...], my cerca com el más destacado de todos los piratas que estaban a la orden del Rey Carlos II de Inglaterra, [...] “el legendario Sir Henry Morgan, quien fundó y formó la poderosa Confederación Corsaria jamaiquina de Port Royal, en la que se lograron contabilizar más de 5.000 piratas, algunos muy destacados y otros bandidos y de poca monta. (Cf. BULL, 2010, contracapa)

Como relata Bull, à medida que os atos de pirataria começam a cessar no mar Mediterrâneo, o projeto colonizador e de exploração desloca-se para o mar do Caribe e das Antilhas. Os lugares paradisíacos passam a ser Cuba, La Hispaniola, Puerto Rico, Sotavento, la isla Tortuga, Jamaica o *Xamaica* como chamaram a ilha os *arahuacos*, primeiros habitantes. (BULL, 2010, p. 6) A era dos novos piratas, a serviço da Coroa inglesa, francesa e holandesa, entra em cena, quando galeões e veleiros promovem a destruição de grandes cidades como Cartagena, Colômbia, epicentro de grandes

¹Como referência particular, o livro do escritor sanandresano Jimmy BULL (2010) nos foi dedicado pelo próprio escritor, bem como as demais obras de que nos valemos para esta reflexão: *As oscuras, pero encendido* (2001) e *Meridiano 82 la ruta de la langosta* (2010).



movimientos comerciais. De tal forma que, esta crônica da fundação, comandada por um pirata, *Sir Henry Morgan*, rico e famoso por suas crueldades, teve cinco fragatas aparelhadas com mais de duzentos canhões e mil e duzentos homens:

El gobernador francés de las Islãs Tortugas llamó al pirata y le dio el comando de cinco fragatas artilladas con más de doscientos cañones y mil doscientos hombres, para hacer pillaje en alta mar a los galeones españoles que surcaban los alrededores de la isla de la *Hispaniola*, normalmente la última parada que hacían para el cruce del Atlántico hacia el Mediterráneo. (BULL, 2010, p. 11)

E, assim, Bull segue a crônica de horror registrando a pirataria e pilhagem da Coroa no mar do Caribe, cuja narrativa descreve em tintas toda a crueldade:

Arrancaba los ojos a los españoles y nativos com filosos cuchillos de forma de yagatán. Así mismo les arrancaba los testículos a los hombres y los asaba sobre la parrilla para dar de comer a las mujeres aterrorizadas, a quienes violaba junto a sus seguidores, para luego arrancarles la lengua para alimentar a los perros salvages. (BULL, 2010, p. 11)

Já em *As oscuras, pero encendido* (2001), o escritor sanandresano reúne textos publicados ao longo de treze anos, onde a tônica principal é o relato denúncia da população raizal sanandresana, cuja identidade fora espoliada em e desde a sua própria terra. Como preconiza em “Una sociedad raizal débil”:

Creo que empiezo a salir del mutismo y a entender por qué es que me duele tanto la situación de mi pueblo raizal sanandresano. Estamos aproximándonos al Siglo XXI y no veo futuro para a juventud raizal nativa que está sumida, buena parte, en la drogadicción. Lo primero que me viene a la cabeza es la la gran pregunta: De quién es el centinela que ronda a esta juventud enferma? Qué podemos hacer por ellos? Y cómo lo podemos hacer? Cómo podemos darles seguridad a nuestros hijos para un mañana mejor, sin ninguna preparación intelectual y cultural. (BULL, 2001, p. 7)

A partir daí, Jimmy Bull continua sua extensa e vibrante narrativa, *Legado de piratas*, recuperando significativos relatos de historiadores orais sanandresanos (Brandt Linziel, dentre outros), informando, inclusive, que o nome dado em 1600 à Bahía de la Salvación fora atribuição do capitão Morgan, o qual “había perdido parte de la carga que lo acompañaba por culpa del huracán. El historiador *Bandt Linzel* anota que fueron



seis fragatas repletas de oro y plata y otras riquezas las que fueron a dar al mar.” (BULL, 2010, p. 51). Em relação ao mesmo capitão Morgan, Jimmy Bull registra a enfermidade, uma gangrena, que o acometeu meses depois, sendo tratado e salvo por uma curandeira, “La curandera de Mo Bay”: descrita como uma bruxa, esta curandeira exercia suas cerimônias do ritual “vudú” (la *pocomanía*) e invocava os espíritos com suas crenças animistas, – rito que se estendia por todas as Antilhas, além de outros ritos similares nas ilhas periféricas. Em seguida, evocamos o último dos relatos de *Legado de piratas*, intitulado “La destrucción de Port Royal” (BULL, 2010, p. 102), cujo título e citação, esta em linhas finais do livro, bem sintetizam tanto a queda quanto o “legado” da pirataria nas Américas, que assim culminaria estrondosamente no seu vaticínio:

El 25 de agosto de 1692 lo que no pudieron hacer los españoles, los franceses, holandeses, portugueses y muchos otros más, lo hizo un movimiento telúrico, un terremoto de casi ocho grados en la escala de *Ritcher*, que destruyó a la ciudad corrupta, Port Royal y entre sus escombros quedó en pie un pedestal con la figura pintada de *Henry Morgan* que decía: “ *todo me ha salido bien en este mundo y también me defenderé en el otro*”. (BULL, 2010, p. 102) (grifos do Autor)

Enfim, podíamos concluir que, tanto na obra de Rosana Rios quanto na de Jimmy Bull, deparamos com robustas narrativas “autóctones”, nascidas e comprometidas com o alvorecer dos povos nativos e pré-colombianos, ameríndios. A partir do arquipélago de San Andrés, o escritor Jimmy Gordon Bull realiza um resgate cultural desta região do Caribe Insular:

[...] un análisis de las cosas que normalmente suceden a diario en el archipiélago de San Andrés, Providencia y Santa Catalina, es difícil que vayamos a encontrar un norte y soluciones fáciles a la mayor parte de los problemas. Los obstáculos que hay en todos los charcos que tenemos que cruzar en el camino son infinitos. (BULL, 2001, p. 29)

Passagem essa que vai ao encontro da sombria expectativa do relato “Un nuevo milenio”, o qual deveria nos receber a todos com esta maravilha que Bill Gates conquistou para a humanidade:

La internet y la nevegación en el ciberespacio que revolucionará la vida de los seres humanos en todos os aspectos de su diario vivir.



Hasta aquí todo bien perfecto. Pero si analizamos la situación y las perspectivas de San Andrés, Providencia e Santa Catalina nos daremos cuenta enseguida de nuestro porvenir dramático de suspensos, como en los largometrajes de Alfred Hitchcock. Vivimos a espaldas de las grandes realidades del mundo y de frente a nuestros propios problemas y somos zombis y estériles a la hora de resolver nuestros compromisos con las islas. (BULL, 2001, p. 19)

Com feito, as obras do escritor e historiador Jimmy Bull indicam diversas hipóteses de análise a partir de seu universo de discurso robustamente redesenhado. Seja como ponto de partida, introdutório “prólogo” escrito para *Meridiano 82 La ruta de la langosta* (2010), seja como copiosas narrativas cujos entrecijos se ramificam em diversísimas histórias da colonização e civilização ameríndias, todas elas configuram em tela o compromisso com a história e com o seu tempo. Ou seja, o resgate cultural e religioso, atravessando pela tradição oral, faz emergir uma memória ancestral que se volta para um grupo social e étnico, cujos costumes e manifestações coadunam-se com a época e a identidade de um povo. Como bem se lê no prólogo de apresentação à obra: “los relatos hechos por el historiador Jimmy Gordon Bull, [...] cubren unas décadas inolvidables para muchos, en especial de situaciones que han marcado la vida económica, social, cultural y religiosa, y de la política exterior de la región insular, inclusive”. (BULL, 2010, p. 11)

Assim, em relação a ambos os escritores (Rios e Jimmy Bull) e às suas significativas produções literárias, pode-se reconhecer a constituição de um projeto artístico de notáveis originalidade e robustez. Aos mitos desses povos, superpõe-se um legado de piratas a serviço da Coroa, do colonialismo, em sequiosa pilhagem econômica e cultural. Vários pontos conectam as narrativas desses dois escritores, dentre os quais conflitos fronteiriços, que resumam a intervenções epistemológicas fronteiriças enquanto chave de leitura-desleitura-desaprendizagem da *decolonização* como modelo de um pensamento e produção do conhecimento *decolonizadores*.

Referências:

- BARZOTTO, Leoné A. *Interfaces culturais: The Ventriloquist's tale & Macunaíma*. Dourados;MS: Editora UFGD, 2011, 303 p.
- BULL, Jimmy Gordon. *A oscuras, pero encendido*. 1 ed. Colombia: Todográficas Ltda, 2001, 154 p.



_____. *Legado de piratas*. 1 ed. Medellín; Colômbia: L. Vieco e Hijos Ltda. 2010, 102 p.

_____. *Meridiano 82 la ruta de la langosta*. Medellín; Colombia: L. Vieco e Hijos Ltda, 2010, 111 p.

MELVILLE, Pauline. *A história do ventríloquo*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PALERMO, Zulma. *Desde la otra orilla: Pensamiento crítico y políticas culturales en América Latina*. Córdoba-Ar.: Editora Alción, 2005.

RAMA, Ángel. Literatura e Cultura. In: *Literatura e Cultura na América Latina*. (Flávio Aguiar & Sandra Guardini T. Vasconcelos, organizadores. Tradução de Raquel la Corte dos Santos e Elza Gasparoto). São Paulo: EDUSP, 2001, p. 239-280.

_____. *A cidade das letras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

RIOS, Rosana. *América mítica: histórias fantásticas de povos nativos e pré-colombianos*. Porto Alegre: BesouroBox, 2013.

SANTOS, Paulo Sérgio, Nolasco dos. Literaturas, mitos e identidades no processo de decolonização da América Latina. In: Donizeti da Cruz; Lourdes Alvez; Ximena Dias Merino. (Org.). *Imagens das Américas: interfaces sociais, culturais e literárias*. 1ed. Cascavel: Edunioeste, 2016, v. 1, p. 27-36.

TLOSTANOVA, M. V. ; MIGNOLO, W. *Learning to Unlearn – Decolonial Reflections from Eurasia and Americas*. Columbus: Ohio State University press, 2012, 281 p. Parte I, capítulo 1: “The Logic of Coloniality and the Limits of Postcoloniality: Colonial Studies, Postcoloniality, and Decoloniality”, p. 31-51.